

MULHER, MÃE, ESPOSA E PROFESSORA: APRESENTANDO SUJEITOS E SUA AÇÃO NO GRUPO ESCOLAR COELHO RODRIGUES (1929 A 1954).

Jane Bezerra de Sousa – UFPI/ CCE/DEFE
Jardel da Silva Araújo- UFPI/CSHNB
Andrea Renata de Sá – UFPI/CSHNB

Este trabalho coloca em evidência as mulheres professoras do Grupo Escolar Coelho Rodrigues em Picos (PI) no período de 1929 a 1954, recorte cronológico que tem como base o ano de fundação do Grupo Escolar e o período de declínio do referido grupo, a partir de relatórios de inspetores estaduais em suas visitas à esta escola. Para apresentação dos sujeitos, tivemos como fonte primária uma listagem encontrada nas caixas de instrução de Picos (PI) referente ao ano de 1942, no Arquivo Público Estadual, relacionando as professoras que trabalharam no período citado. São elas: Maria das Neves Cardoso Santos, Raimunda Portela Cardoso, Ricardina de Castro Neiva, Alda da Mata Neiva, Luiza Maia e Silva, Adalgiza Nunes de Barros, Benvinda Nunes Santos, Julieta Martins Neiva Nunes, Magnólia Leão Padilha, Otília Neiva Moura Santos, Maria Nunes Barros, Maria Dolores Cerqueira e Maria de Jesus Santos. Ao encontrarmos essa listagem despertou-nos a vontade de buscar a história de vida de cada uma dessas professoras e assim decidimos realizar entrevistas com ex-alunos, familiares e contemporâneos. Como num mosaico, montamos cada peça apegando ao que era encontrado num recorte de jornal ou num mínimo dado fornecido pelos entrevistados. Somos sabedores de que não podemos recompor uma vida na sua totalidade, entretanto, podemos reconstituir momentos a partir dos rastros e pegadas apontadas. As teorias de análise deste trabalho se pautam em: Freitas (2003), Perrot (1998), Campos (2002) e Almeida (1998).
Palavras – Chave: História. Educação. Profissão docente.

Escolhemos o título do trabalho como apresentando sujeitos, porque pensamos que para uma biografia seriam necessários mais dados e um maior tempo para esta pesquisa. No entanto, consideramos tal apresentação como significativa no sentido da valorização da profissão docente, uma vez que, ao declinarmos nomes e fatos daquelas que inauguraram uma época na educação picoense considerada por seus contemporâneos como algo inovador, audacioso e revolucionário, também fora marcante para essas mulheres compartilharem o espaço privado do lar, dos filhos e maridos com o espaço público como profissionais do magistério recebendo seus salários e contribuindo na manutenção de suas famílias.

Como o trabalho revisita a história de vida de professoras, faz-se necessário realizar uma retrospectiva histórica sucinta para entendermos como se processou a conquista feminina no magistério.

O Iluminismo foi um movimento rico em reflexões pedagógicas que combatiam o dogmatismo religioso da educação jesuítica, propondo uma educação laica e pública, democratizando o acesso as classes populares. Mesmo a educação pública tendo ocorrido desde a antiguidade, foi na idade moderna que montou-se a estrutura

para formação docente. A partir desse momento, cresceu o ensino primário e a preocupação com a formação de professores.

A criação das escolas normais na Europa foi importante ao possibilitar que professores se afirmassem enquanto profissionais. O processo de constituição da profissão docente fazia parte apenas do universo masculino. A educação das mulheres tinha pouca expressão. Só em 1842 na França foi aprovada a lei que criou cinco escolas normais.

No século XIX, consolidaram-se as escolas normais. O poder público via na educação a força civilizadora na construção da conformação às leis do Estado. Os professores, então, seriam os representantes do poder político.

No Brasil, durante todo o período da Colônia (1500 a 1822), predominou uma educação dirigida à elite e controlada pelos jesuítas até 1759. As atividades se resumiam à formação cultural da classe dominante e o processo de domesticação nas aldeias indígenas recém-convertidas ao catolicismo. Os receptores destes ensinamentos eram os indivíduos do sexo masculino, pois as mulheres permaneciam em casa saindo apenas para as práticas religiosas.

Com a Independência do Brasil em relação à coroa portuguesa, o esforço do governo imperial deu-se no sentido de desenvolver o ensino superior. Em 1827, com a primeira Lei de Instrução Pública, autorizou-se escola para meninas que deveriam ser educadas por mestras. No entanto, essa lei não teve eficácia. O ato adicional de 1834 estabeleceu que o primário e o secundário fossem de responsabilidade das províncias, o que provocaria uma desigualdade nítida entre as regiões. Somente em 1835, foi criada a Primeira Escola Normal no Brasil, em Niterói no estado do Rio de Janeiro, destinada, em sua grande maioria, ao sexo masculino. Como mostra Freitas (2003, p. 37).

A escola Normal, criada no século XIX como espaço de formação de professores homens por falta de demanda de alunos do sexo masculino, abre-se aos poucos às mulheres órfãs e de honestidade reconhecida. Estas primeiras professoras perdem este espaço para as moças de classe média. Nesse sentido, o trabalho no magistério primário é caracterizado como inerente às qualidades femininas e socialmente indicado para as mulheres.

Para as turmas femininas, mulher professora, dessa forma a Escola Normal passou a ser uma oportunidade profissional para as mulheres.

O Ensino primário era concebido como extensão da formação moral recebida em casa, portanto, seria mais cabível as crianças estarem nas mãos de uma mulher professora. A educação nessa época baseava-se na assimilação de modelos de moralidade, inteligência e virtude. Assim, o mestre deveria ser o exemplo desses valores. As mulheres eram encaradas como construtoras da boa sociedade, formadoras de cidadãos do estado, mas deveriam aliar os papéis de mãe e esposa, uma vez que a função de mãe na família era estendida à professora.

Mulheres, mães e educadoras. A vocação era utilizada para as mulheres escolherem a profissão menos valorizada socialmente. Requeria da mulher sentimento, dedicação, minúcia e paciência. E assumiram o magistério como profissão adequada ao sexo.

O magistério, enquanto profissão pouco rentável afastava os homens que deveriam prover a família. Por isso, a mulher poderia receber menos, já que não eram chefes de família.

O sexo feminino encontrava sérias dificuldades em ter acesso ao magistério. Contudo, segundo Campos (2002), a partir da década de 40 do século XIX, entendeu-se que o magistério era uma função própria das mulheres, principalmente daquelas que não casavam, uma vez que o magistério era entendido como um sacerdócio. No final do Governo Imperial, no entanto, ainda predominavam os homens no magistério. Em Picos (PI), são muitos os professores que atuaram neste período ensinando as primeiras letras, dentre eles: Quirino Pereira Nunes, Manoel Madeira Batista, João Antonio dos Santos, Felix Veloso, Evaristo Velho e Miguel Borges Guarani.

Esta premissa de que as mulheres assentavam muito bem com o magistério era uma constante na Europa no século XIX, como afirma Perrot (1998, p.105) “Dentre as primeiras profissões assumidas na França pelas mulheres, temos os ofícios ligados à educação e a formação: professora primária, bibliotecária e antes de tudo, preceptora”.

Do final do século XIX até as primeiras décadas do século XX, ocorrem inúmeras mudanças com a implantação do regime republicano no país. No plano educacional, oferecem-se mais oportunidades ao sexo feminino em virtude das ideias positivistas que, apesar de defenderem a superioridade moral das mulheres, foram os que se insurgiram mais tenazmente contra o sufrágio, uma vez que este conspurcaria a alma e a pureza da mulher. O magistério primário era a oportunidade que as mulheres possuíam para ingressar no mercado de trabalho ou como afirma Almeida (1998, p.30).

a possibilidade de aliar o trabalho doméstico e a maternidade uma profissão revestida de dignidade e prestígio social fez que ser professora se tornasse extremamente popular entre as jovens e, se, a princípio temia-se a mulher instruída, agora tal instrução passava a ser desejável, desde que normatizada e dirigida para não oferecer riscos sociais.

Os estudos sobre a feminização do magistério, mais intensamente na República divergem. Alguns autores defendem a vertente que a inserção da mulher no magistério deveu-se à ideologia da domesticidade e da submissão feminina, outros associam à desvalorização econômica e social da docência, pois, pagar pouco era um discurso dirigido diretamente às mulheres. Assim, por vocação ou por não precisar ser bem remunerada, sobrou o silenciar de suas mazelas, como bem explicita Cortez (2000, p.119).

Pois nessa extensão da maternidade e nesse vocabulário de abnegação e devotamento as professoras nunca tiveram formas e lugares de dizer dos seus demônios, da decepção, eventual ódio ao ofício, da mesquinharia de seu entorno, ou simplesmente do seu enfado.

Com todas estas dificuldades, um novo comportamento é esculpido na vida das mulheres. Era uma chance de possuir um lugar próprio no tecido social, uma aliança entre o desejo de desempenhar um trabalho remunerado com as aspirações afetivas que lhes foram legadas pela sociedade. Mesmo ganhando pouco, possuíam mais liberdade, embora severamente vigiadas. Outra vantagem era a forma de quebrar os grilhões domésticos e privados.

Os resultados que a feminização do magistério promoveu, acentuaram atributos de amor, respeito, vocação e competência, o que não retirou o conhecimento e a técnica necessários para o correto desempenho da atividade.

Em Picos, esse processo ocorreu ainda durante o período imperial entrelaçando-se, neste ponto, com a própria história do Brasil. A cadeira de primeiras letras da vila dos Picos para o sexo feminino foi criada em 1867, sendo professoras desta cadeira: Mariana Joaquina D'almeida Britto, Maria Antônia da Soledade Alvarenga e Antônia Maria da Conceição.

A primeira professora formada a atuar em Picos, relatado em documento datado de 1894, segundo Vieira (2002), foi Ana Clara de Lima Castro pela Escola

Normal Oficial de Teresina entre 1882 e 1884. Outra mulher professora era Nhazinha Freire que mantinha uma escola particular em 1918.

Em 1928, com o crescente processo de interiorização do Grupo Escolar no Estado do Piauí, é criado o Grupo Escolar Coelho Rodrigues na cidade de Picos, sendo somente inaugurado em 1929. A criação do Grupo Escolar requiritava a presença da professora normalista.

A primeira diretora do Grupo Escolar Coelho Rodrigues foi a normalista Alborina Silveira Reis, casada com o Senhor Basílio Reis, a qual permaneceu pouco tempo na cidade, sendo desconhecidos e passíveis de investigação os motivos de sua saída e do seu destino.

Em 1929, a presença feminina no Magistério teve maior crescimento em Picos devido à chegada das três Normalistas vindas de Teresina, trazidas pelo Coronel Francisco de Sousa Santos para atuarem no recém-criado Grupo Escolar Coelho Rodrigue, cuja denominação foi em homenagem a Antonio Coelho Rodrigues. Nevinha Santos relatou o momento da viagem em suas memórias

Foi no dia 29 de janeiro de 1929 que acompanhada pelo poderoso chefe político do município, coronel Francisco Santos, um senhor austero, educado, simpático, que nos veio buscar em Teresina e assumir com nossas famílias de nos levar e ter conosco certas responsabilidades. Viajamos numa manhã chuvosa, e isso nos deixava tristes, pois ficavam para trás famílias, amigos, saudades. Um carro bem novinho, um FORD modelo 1929. Na frente o Coronel, que sempre se voltava para trás para nos tranquilizar [...] Às vezes dormíamos em tapetas até chegar seis dias depois [...] A cidade era pequena, limpa, bonitinha cercada por morros muito verdes e um riozinho correndo por trás da imponente Matriz de Nossa senhora dos Remédios.

A chegada dessas três mulheres conduziu Picos a uma verdadeira mudança em seus padrões de comportamento e vida cultural. Assim, a consolidação da feminização do magistério em Picos se entrelaçou com a estrutura de poder, bem como com toda uma mudança no modo de viver da cidade. As roupas acima dos joelhos, o cabelo mais curto do que o convencional influenciaram toda uma população a ficarem nas calçadas a observarem o momento em que as professoras, essas “moças diferentes”, dirigiam-se ao grupo para ministrarem suas aulas.

Maria das Neves Cardoso Santos, Ricardina de Castro Neiva e Alda Rodrigues Matos Neiva causaram um verdadeiro espanto com suas chegadas, pois a urbe esperava

três velhas de cabelos compridos e saias longas, conforme descreve a própria Nevinha Santos em suas memórias:

Receberam três jovens moças quase meninas, com vestidos nos joelhos, cabelos curtos, decotes audaciosos, mangas bem cavadinhas, rouge, batom, alegres, saudáveis, felizes e um sotaque diferente. Foi um escândalo. As mangas cavadas e as axilas raspadas fizeram o maior comentário na cidade e circunvizinhas. Quando saímos à rua, alguns saíam de casa e outros ficavam nas portas e janelas para conhecerem as novas professoras, as moças diferentes, como chamavam.

As professoras ganhavam naquela época duzentos e onze mil réis (recebiam o dinheiro na coletoria, todo em moedas o que precisava de muitas vezes da ajuda de um aluno no dia do pagamento de salário). Pagavam a pensão, trabalhavam bem vestidas e se casaram com os rapazes das famílias mais abastadas da região. O consórcio trouxe o enlevar da profissão com a estrutura de poder. Assim, por vezes, assumiam cargos públicos, ora de diretora do grupo, ora primeira dama.

Pensando a mulher professora no espaço do Grupo escolar, considerando cada uma como um indivíduo na sociedade e suscitando a curiosidade da história dessas mulheres professoras, convém resgatar e escrever de modo sintético as vidas dessas, sem classificá-las como biografias, mas qualificando-as como uma espécie de apresentação de sujeitos no intuito de que os seus rostos não fiquem esquecidos nos baús do silêncio, procurando, dessa forma, inserir suas vidas no contexto social vigente, reconstituindo espaços e representações do seu tempo e valorizando as suas trajetórias.

Maria das Neves Cardoso Santos, conhecida em Picos como Nevinha Santos, nasceu em 12 de março de 1910 na Localidade Marruás. Era filha do Coronel José Olímpio Rodrigues, político e comerciante e de Lina Cardoso Rodrigues. Fez o Curso primário na cidade de Brejo (MA). Quando do seu término, viajou para Teresina (PI), onde ingressou na Escola Normal Oficial. Aos 18 anos, com o diploma na mão de normalista, recebeu um convite para ser professora do Grupo Escolar Coelho Rodrigues. Ao chegar na cidade, contraiu matrimônio com Adalberto de Moura Santos, filho do coronel Francisco Santos, no dia 17 de junho de 1930 na Igreja do Sagrado Coração de Jesus. Com seu esposo teve os seguintes filhos: Luís Ayrton Santos, Maria Lina Santos Melo, Teresinha de Jesus Santos, Francisco Newton Santos e José Ewerton Santos. Durante o Estado Novo, seu marido foi indicado pra Prefeito do Município no Período

de 1938 a 1945. Ao tornar-se primeira dama sua primeira obra foi alfabetizar os presos. Nesta época ocupou o cargo de diretora do Grupo Escolar. Aos 89 anos de idade escreveu suas memórias relatando a sua chegada e vários aspectos do Grupo Escolar. Faleceu no dia 02 de julho de 1999. Tinha uma excelente memória e assegurava a todos que lembrava fatos ocorridos desde os cinco anos de idade. Desde sua adolescência escrevia sua vida em diários íntimos, mas, resolveu destruí-los por considerar os textos expressão de sua vida pessoal. Assim, expressava “Escrever é uma atividade prazerosa. Sempre durmo tarde da noite e, antes do sono, aproveito para escrever sobre memórias e educação”.

Ricardina de Castro Neiva chegou a Picos em 1929 juntamente com Maria das Neves Cardoso Santos e Alda Rodrigues da Mata Neiva. Casou-se em 1930 com Antenor Martins Neiva, primeiro médico de Picos e Prefeito Municipal, o que legou à professora normalista Ricardina a direção do Grupo Escolar. Desta união nasceram os filhos: Célia Neiva, Elza Neiva, Maria Cleide Neiva e José Antenor Neiva.

A professora Ricardina nasceu em Alcântara (MA), em 09 de novembro de 1911. Filha de Emelinda de Castro Soares e João Soares perdeu o pai aos 09 anos de idade, sendo adotada por um tio em Teresina (PI), o Sr. João de Castro Lima. Famosa pela beleza alcançou o título de mis Teresina em 1928. Dirigiu o primeiro posto de atendimento social existente em Picos que tinha atendimento médico e cursos de corte e costura. Era zeladora da congregação de Nossa Senhora do Carmo. Recebeu duas homenagens póstumas: o nome de uma escola filantrópica, mantida pelo Rotary Club de Picos e uma sala de aula na Universidade Estadual do Piauí. Faleceu em 15.09.1985.

Alda Rodrigues da Mata Neiva, aos 15 anos foi morar na cidade de Picos para trabalhar no Grupo Escolar Coelho Rodrigues. Paralelamente à atividade do grupo, fundou o núcleo Educacional Monsenhor Hipólito que tinha como função alfabetizar crianças pobres. Casou-se com Albertino Martins Neiva tiveram os seguintes filhos: Arnaldo, Atualpa, Adroaldo, Albertino e Alda. Com a morte do filho Atualpa voltou a morar em Teresina e se aposentou aos 45 anos de idade, oportunidade em que começou, em sua própria casa, a ensinar tarefas à crianças e alfabetizar os netos. Assim, surge a Escolinha Dom Bosco, hoje uma das maiores escolas de Teresina. Um dos seus maiores lemas era alfabetizar a todos. Portanto, os empregados de sua casa também foram alfabetizados por ela mesma.

No ano de 1930, chegou ao município de Picos, Raimunda Portela Lima Cardoso, ampliando o quadro de normalistas do Grupo Escolar Coelho Rodrigues.

Conhecida como Mundica Portela, nasceu em 31 de março de 1907 na cidade de Campo Maior, fruto do matrimônio entre Eudoro Portela Lima e Raimunda Portela Macedo. Aos 23 dias de nascida ficou órfã de mãe, passando a residir em Teresina (PI) com seus irmãos mais velhos. Educou-se, então, nessa cidade, onde concluiu os seus estudos, em 1927, na Escola Modelo do Piauí anexa à Escola Normal Oficial. Em 1936 casou-se com Antonio Cardoso de Albuquerque e teve os seguintes filhos: Maria do Carmo, Maria Neli, Raimundo Nonato, Maria Ivete e Eudoro Portela Cardoso. Afastou-se de suas funções pedagógicas em 1959 por fazer jus a aposentaria por tempo de serviço. Sua atividade preferida era a leitura. Faleceu em 23 de novembro de 1987.

Professora leiga, Maria do Socorro Santos nasceu em Picos (PI) no dia dez de maio de 1905. Conhecida pelos seus longos e bonitos bordados, era também professora do grupo e dentre todas as professoras, era a única que não tinha frequentado Escola Normal. Foi contratada em 29 de janeiro de 1929, pelo Decreto nº 30, como professora adjunta, conforme documento da diretoria geral da Instrução Pública. Casou-se com Raimundo Gomes da Silva Neto, o qual era funcionário da Coletoria Estadual e teve os seguintes filhos: Maria das Mercês Gomes de Penna (adotiva) e Raimundo Nonato Santos Gomes. Foi embora para Teresina em 1951, período em que atuou no Grupo Escolar Abdias Neves. Faleceu em agosto de 1971.

Professora Normalista, Magnólia Leão Padilha nasceu em Teresina (PI), em 31 de dezembro de 1914. Filha de Reinério Leão Padilha e Virgínia Padilha formou-se em 1932 e fora nomeada Professora do Grupo Escolar Coelho Rodrigues em 03 de Julho de 1935. Casou-se com Aristarco Clementino de Carvalho com quem teve os filhos: Isabel Maria Padilha Martins e Augusto Wagner Padilha Martins. Trabalhou no Grupo até 1944, oportunidade em que foi embora para Rondônia para trabalhar como professora no Grupo Símon Bolívar. Foi diretora deste grupo e em 1959 foi transferida para Brasília, aposentando-se em 1976.

A atuação das primeiras normalistas vindas de Teresina acendeu uma vontade nas mulheres filhas da terra de se dirigirem para outras localidades, a fim de ampliarem seus estudos e nos anos seguintes retornarem a Picos para exercer o magistério. Como exemplo, as professoras Adalgiza Nunes de Barros e Maria Luiza Maia e Silva.

Adalgiza Nunes de Barros nasceu em 02 de novembro aproximadamente na década de 20. Filha de Joaquim Baldoino de Barros e Isabel Nunes de Barros foi

alfabetizada por uma mestre-escola conhecida como Modestina Nunes e terminou o curso primário na Escola do professor Miguel Lidiano. Em seguida, foi para Teresina estudar na Escola Normal Oficial sendo aluna de Sotero Vaz. Ao se tornar professora Normalista retornou a Picos e assumiu a organização do Museu Escolar, conforme telegrama nº. 578 de 21 de Junho de 1936, do Diretor de Departamento de Ensino. Trabalhou poucos anos no Grupo. Foi escolhida para participar de um dos cursos de aperfeiçoamento de professores promovido no governo de Landri Sales em Belo Horizonte. Ao retornar conheceu um piloto de avião descendente de alemães, Karlos Gerard Meyer, que residia no Rio Grande do Sul. Casaram-se e foram residir no Rio de Janeiro, no bairro Leblon, no edifício de nome Picos. Seus filhos foram: Carlos, Geraldo, Paulo Roberto e Renato Walter. Recebeu homenagem durante o centenário da cidade de Picos em praça pública. Faleceu em novembro de 2006. Na memória coletiva picoense ficou presente a demonstração de amor do seu noivo Karl em 1936 ao sobrevoar a cidadezinha e jogar ramalhetes de flores endereçados a sua futura consorte.

Lilá, como era conhecida a professora Luiza Maia da Silva Campos, nasceu em 15 de agosto de 1913. Filha de José Carlos Pereira da Silva e Maria Maia da Silva casou-se com o poeta Lourenço Augusto Pereira Campos em 25 de dezembro de 1944 e atuou no Grupo até 20 de setembro de 1945, quando faleceu durante um parto.

Benvinda Nunes Santos, nascida em 12 de setembro de 1916 e filha de Caetana dos Santos Nunes (Dona Calu) e Eliseu Pereira Nunes, casou-se com Francisco Santos Sobrinho e estudou o primário em Picos na Escola Particular de Miguel Lidiano, Sua formação pedagógica foi no colégio das Irmãs em Teresina (PI), chegando formada a Picos no dia 07 de dezembro de 1938, iniciou suas atividades profissionais no grupo escolar no ano de 1939. Foi diretora do grupo durante 20 anos, Secretária de Educação Municipal de 1971 a 1976 e professora na Escola Normal Oficial de Picos. Faleceu em 01 de março de 1994. Teve um filho adotivo, Antônio Helder Nunes Santos.

Julieta Martins Neiva Nunes nasceu dia 09 de março de 1914 na Fazenda Tabuleiro do Brejo. Filha caçula de Raimundo Carvalho Neiva e Maria Martins Neiva, aluna da primeira turma do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, foi aluna da professora e cunhada Alda Rodrigues da Mata Neiva. Em 1934, seguiu para Teresina e cursou o primeiro ano pedagógico no Colégio das Irmãs. Depois foi transferida para Escola Normal Oficial. Obteve uma participação efetiva na Escola Normal publicando, em 1937, uma crônica intitulada “Luar de Minha Terra”, a 15 de maio de 1937, no jornal A

Escola, órgão da Escola Normal Oficial do Piauí. Na época Julieta Neiva, cursava a 3ª. Série.

Em 1939 concluiu o Curso Normal, mas antes de retornar a Picos. Trabalhou em Itainópolis, Inhuma e Esperantina até retornar em 1940, época em que trabalhou no grupo Escolar Coelho Rodrigues, até 1966. De 1960 a 1962 foi diretora do grupo. Casou-se em 1946 com Abdenor de Deus Nunes e teve os seguintes filhos: Carlos, Verônica, Socorro e Roberto. Foi à primeira professora de todos os filhos. Faleceu em 17 de junho de 1987.

Otilia Neiva Moura Santos casou-se com Valdemar de Moura Santos e teve os seguintes filhos: Waltília, Warton, Wilton, Waldélia, Waldília, Weimar, Waldson, Walda e Waldemar Júnior. Formou-se no Colégio Sagrado Coração de Jesus em Teresina (PI). Logo no seu primeiro ano de magistério, trabalhou no Grupo Escolar, época em que a professora Nevinha, sua cunhada, era diretora do Grupo. Segundo Cordeiro (2011, p.140), “mamãe era poetisa e sua madrinha Nevinha era contista. Ambas tinham o dom da produção escrita e a competência em traduzir em palavras os fatos, os sentimentos e as emoções vividas.” Segundo a narrativa de sua filha, ler e estudar também eram uma orientação diária aos filhos, estimulando a produção de redações e o livro no cotidiano familiar. Faleceu em dois de julho de 2008 aos 87 anos de idade.

Maria Nunes Barros, filha de Isabel Nunes de Barros e Joaquim Baldoíno de Barros, casou-se com Francisco Almeida Guimarães e teve os seguintes filhos: Isabel Maria de Barros Guimarães (psicóloga, mora em Goiânia), Lêda Maria de Barros Guimarães (arte-educadora professora da Universidade Federal de Goiás) e Maria José que faleceu com um mês de nascida. Com a morte do seu pai, custeou o estudo dos irmãos em grandes cidades como Fortaleza e Rio de Janeiro, administrando os bens da família em prol da formação dos irmãos em cursos de Medicina. Antes de trabalhar no Grupo Escolar, ministrou aulas em cidades próximas a Picos, deslocando-se de bicicleta ou à cavalo. Morava na rua atrás da igreja Matriz Nossa Senhora dos Remédios na casa que pertenceu à família Baldoíno. Posteriormente ao seu casamento, morou no Bairro Ipueiras. Sobre o seu falecimento, há depoimentos contraditórios. Alguns relatam que morreu do parto da terceira filha Maria José, outros falam de choque anafilático.

Maria Dolores Monteiro Cerqueira nasceu no dia 25 de maio de 1922, sendo filha de Antonio Cassiano Barroso e de Maria Moura Monteiro. Sua mãe morreu quando era bem pequena, sendo adotada pelos avós maternos, Joaquim Monteiro de

Carvalho e Joaquina Francisca de Moura Monteiro. Casou-se com Cícero Forte Cerqueira que era natural da cidade Piracuruca tiveram três filhos: Francisco Antonio (agrônomo), Rita de Cássia (professora) e Anne Meyre (trabalha no SESI em Teresina). Devido seu marido ser prefeito de Piracuruca, deixou Picos e foi morar nesta cidade onde foi diretora de escola e lecionou por alguns anos. Foi considerada por seus alunos como uma professora dedicada e cativante. Na memória coletiva, deixou marcos de ser uma das professoras mais bonitas e do seu topete que era adorno constante dos seus penteados.

Maria de Jesus Santos, filha de José de Sousa Santos e Maria Caetana da Conceição, nasceu em meados de 1901. Sua família dispunha de modestos recursos financeiros, sendo seu pai administrador de uma fazenda conhecida como Fazenda Nacional e abrangia uma grande área de terras na macro região de Picos(PI). Possuía também algumas residências em bairros da cidade, inclusive o prédio dos Correios. Ela foi uma das primeiras pessoas a trabalhar no correios de Picos e teve passagem como professora no Grupo Escolar Coelho Rodrigues. Esteve presente durante a fundação do Instituto Monsenhor Hipólito. Faleceu no Planalto Central devido problemas renais e visitou Picos por várias vezes durante sua velhice. Era esposa de Joaquim Falcão e teve como filhas adotivas: Maria do Amparo de Deus e Maria Leonildes Ribeiro. Seus irmãos eram Lourival Ribeiro Santos e Francisco Santos Sobrinho (esposo da professora Benvinda Nunes Santos).

Nota-se que todas as normalistas que atuaram no grupo no período de 1929 até a década de 50 eram vinculadas à classe dominante da cidade refletindo o quanto era importante ser normalista e somente aqueles que tinham condições financeiras puderam subsidiar o estudo dessas mulheres fora da cidade. Ao chegarem todas formadas, ou em função de serem filhas de pais que tinham condições financeiras ou pela admiração que causava a profissão, casavam-se com os homens mais ricos ou influentes da cidade e se entrelaçavam com a estrutura de poder vigente.

O mais importante disso tudo é que estas mulheres atuaram no magistério Picoense, na época em questão, colocando, de sobremaneira, toda a sua vocação, ou por paixão ou por um mero cumprimento de deveres impostos. Formaram cidadãos, modificaram hábitos, fizeram parte da sociedade e orgulhavam-se do papel que desempenharam o que se concretiza na frase de Nevinha Santos: “adorei ser professora”. Pode até ser uma visão romântica, mas retrata muito bem uma época em

que a professora primária imperava no contexto social como educadora, preceptora, mãe e amiga dos seus alunos, tendo ainda o respeito e admiração de todos na cidade.

A fé, a esperança e, sobretudo, a paixão coexistiram na alma dessas mulheres, fazendo-as permanecer em sala de aula e vencer batalhas, inclusive a de sua ausência na história da educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Jane Soares. *Mulher e Educação a Paixão pelo Possível*. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. Mulheres na educação: missão, vocação e destino? A Feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANI, Demerval. *O Legado Educacional do Século XX no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

CAMPOS, Maria Cristina Siqueira de Souza; SILVA, Vera Lúcia Gaspar. (orgs) *Feminização do Magistério: vestígios do Passado que marcam o presente*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. *Vestidas de Azul e Branco*. São Cristóvão (SE): UFS, 2003.

NORMALISTAS. *O Aviso*, Picos, 15 abril de 1930.

PERROT, Michele. *Mulheres Públicas*. São Paulo: UNESP, 1998.

PICOS. *Conselho de Inspeção do grupo Escolar Coelho Rodrigues*. Relatórios Registrados no livro de Termos de Inspeção do Referido grupo. 1932 a 1954. Manuscrito.

SANTOS, Nevinha. *Adorei e me sentia muito feliz em ser professora*. *Jornal Meio Norte*, n. 1024, Teresina, PI, 22 out.1997b. p.3. (Caderno Alternativo).

SOUSA, Maria Cecília Cortez Cristiano de. *Escola e Memória*. Bragança paulista: EDUSF, 2000.

VIEIRA, Alveni Barros. *Educação e Sociedade Picoense de 1890 a 1930*. 2001. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal do Piauí.

